

CRÍTICA À NOÇÃO DE PROGRESSO DO POSITIVISMO COMTIANO

CRITICISM TO THE NOTION OF THE PROGRESS OF COMTE'S POSITIVISM

Sergio Tiski¹



Vol. 13 Número Especial

Jul/Dez. 2017

Ahead of Print

RESUMO: O objetivo deste trabalho é comentar criticamente a noção de progresso do positivismo comtiano. Baseamo-nos na obra de Comte e nos nossos próprios escritos a respeito dela. Esse esforço se justifica pela atualidade e candência dessa questão e pela importância do posicionamento de Comte, fundador da primeira filosofia científica explícita, a respeito dela. Quanto aos passos deste trabalho, primeiramente vamos focar a noção de progresso em geral; a seguir o progresso no sentido moral, expondo algumas sugestões nesse sentido. Por fim chegamos a algumas sugestões a respeito do progresso imediato. A nossa principal conclusão é a de que, ao invés do que Comte afirma, o progresso a ser alcançado é a consolidação do monoteísmo.

PALAVRAS-CHAVE: Comte, positivismo, crítica.

¹Pós-doutor em filosofia; professor aposentado da UEL; sertis@uel.br.

ABSTRACT: The purpose of this work is to critically evaluate the notion of progress of Comte's positivism. We have based this work on Comte's writings and on our own writings in respect of it. This effort is justified by actuality and urgency of this question and by the importance of Comte's positioning, founder of the first explicit scientific philosophy, related to it. About the steps of this work, firstly we focus on the notion of progress in general; followed by the progress on the moral meaning, exposing few suggestions in this way. Finally, we reach few suggestions in respect of immediate progress. Our principal conclusion is, instead of what Comte affirms, the progress to be achieved is the consolidation of the monotheism.

KEY-WORDS: Comte, positivism, criticism.

Introdução

Augusto Comte nasceu em 19 de janeiro de 1798, em Montpellier, sul da França, e faleceu em 5 de setembro de 1857, em Paris. Fundou a sociologia científica, fundou a filosofia positiva ou positivismo, como síntese das ciências positivas, propôs uma moral científica, como sétima ciência fundamental e, ao mesmo tempo, como a ciência suprema, e fundou a religião da

Humanidade, uma religião, segundo ele, científica e humanista, isto é, cujo Deus é a Humanidade, o homem, ou, em outras palavras, o coletivo humano, o social, a sociedade, objeto da sexta ciência fundamental, a sociologia.

Neste trabalho, primeiramente vamos focar a noção de progresso em geral; a seguir o progresso no sentido moral, expondo algumas sugestões nesse sentido. Por fim chegamos a algumas sugestões a respeito do progresso imediato.

O progresso no sentido mais sintético

Para Comte, como aparece também na sua 13ª lei de filosofia 1ª, o progresso é o desenvolvimento da ordem:

Subordinar por toda parte a teoria do movimento à da existência, concebendo todo o progresso como o desenvolvimento da ordem correspondente, cujas condições quaisquer regem as mutações que constituem a evolução.

Por sua vez, a lei dos três estados é, para ele, a lei do progresso. Três estados teóricos ou intelectuais: teológico ou fictício, metafísico ou abstrato, científico ou positivo; três estados práticos: conquistador, defensivo, industrial; e três estados afetivos: doméstico, cívico, universal. Em 1857, quase criando um 4º estado, Comte decompôs o 3º estado, o estado positivo, em dois, científico-filosófico e científico-filosófico-religioso, e declarou definitivo somente o segundo:

É preciso ver tal libertação [em relação à ciência] como o complemento normal da evolução fundamental que caracteriza a lei dos três estados. O último estado deve, nesse sentido, ser decomposto em seus dois modos sucessivos, um científico e o outro filosófico, respectivamente analítico e sintético. É somente ao segundo que pertence a qualificação de *definitivo*, inicialmente aplicada confusamente ao seu conjunto. No fundo, a *ciência* propriamente dita é tão preliminar quanto a teologia e a metafísica, e deve ser enfim também eliminada pela religião universal, em relação à qual esses três preâmbulos são, um provisório, o outro, transitório e o último preparatório.

A fase definitiva, científica-filosófica-religiosa, conta com a moral como 7ª e suprema ciência e com a religião da Humanidade. Trata-se, segundo Comte, do positivismo completo. Essa evolução, esse progresso, segundo ele, dependeu de passos anteriores: inicialmente o fetichismo, depois o politeísmo, daí monoteísmo, ateísmo, materialismo e, finalmente, o positivismo.

A nosso ver a sequência melhor parece ser a que chega ao monoteísmo: ateísmo, materialismo, positivismo, fetichismo, politeísmo e, enfim, o monoteísmo. Emergimos da inconsciência, vemos apenas alguns palmos além do nariz, valorizamos o material, o posto diante e ao redor de nós, observável e de algum modo experimentável; na sequência percebemos e ou supomos em nós e fora de nós interioridades, alma, espírito, em seres menores, iguais e maiores... daí fetichismo, politeísmo, monoteísmo.

Os deísmos ou os teísmos sejam fetichistas, politeístas ou monoteístas, parecem ser a posição mais razoável, pelo óbvio. Acharmos o ateísmo irrazoável, portanto. A existência da ou das divindades extramateriais parece negável. A não ser que se afirme a eternidade da matéria, que se assuma o materialismo, em uma espécie de panteísmo materialista, que inclua a vida como emanada da matéria, de algum modo. Nesse último caso caberia adoração à ordem (“ordem-ismo” = neologismo nosso). O caso de Comte parece ser esse (ordem humana, ordem terrestre, ordem espacial, isto é, a Trindade comtiana: Grande-Ser ou Humanidade, Grande-Fetichismo ou Terra, Grande-Meio ou Espaço), conforme já comentamos em escritos anteriores.

Se não advogamos o materialismo, resta-nos, portanto, o espiritualismo. E preferencialmente o monoteísmo. Pela necessidade da centralização. Mesmo que

mitiguemos esse monoteísmo dizendo “Um só Deus e três Pessoas”, e elencando anjos e demônios, homens, animais, plantas, todos muito, bastante ou ao menos suficientemente divinos.

Para percebermos como mais palatável essa mitigação, lembremo-nos de que podemos mitigar também o politeísmo, isto é, de que os politeísmos não afirmam nenhuma anarquia, isto é, normalmente se postula um Zeus.

O progresso no sentido moral

Passando agora para a moral comtiana, núcleo da religião da Humanidade e, portanto, do positivismo completo, do progresso final, segundo Comte, Luis Lagarrigue expressa muitíssimo bem o objetivo da moral no âmbito do pensamento comtiano:

Vencer o egoísmo, subordinando-o ao altruísmo, é o objeto da moral, que aspira elevar o homem das condições vitais e sociais da vida objetiva, própria da Animalidade, às condições morais da vida subjetiva, própria do Grande Ser: Família, Pátria, Humanidade.

Do egoísmo para o altruísmo, da animalidade para a Humanidade. Permanece a supremacia do sentimento, mas saindo dos sentimentos egoístas e caminhando para os sentimentos sociais, resumidos, aqui, no altruísmo e na Humanidade por ele viabilizada.

Mas só até a Humanidade, isto é, só até o “natural”, sendo a Humanidade o ser supremo mais próximo das pessoas, representando as demais instâncias da ordem natural. Comte, na linha da superação do sobrenaturalismo, acentua o segundo dos dois grandes mandamentos do cristianismo, reduz, resume os dois ao segundo. Ele trata de viabilizar o segundo, o amor ao próximo, e, indiretamente, também o primeiro, mas a partir do segundo: amor à deusa Humanidade sobre todas as coisas.

O comtismo é um reconhecimento trágico e dramático de que o Deus sobrenatural não está, ou, ao menos, não é percebido entre nós. E uma afirmação de que, de qualquer modo, Ele não afetaria em nada os nossos destinos (COMTE, 1890, Introdução fundamental, p. 410). Mas se trata, segundo Comte, de um pseudoproblema, de uma questão inalcançável, inatingível, e, portanto, ociosa: afirmação plenamente coerente com sua posição agnóstica - fenomenista, fenomenista – agnóstica.

Segundo Comte, devemos virar-nos por nós mesmos. O homem é, deve ser, e deve tornar-se cada vez mais, providência para si mesmo. As “[...] condições morais da vida subjetiva, própria do Grande Ser: Família, Pátria, Humanidade.”, a “Humanidade”, da citação acima, referem-se ao homem humanizado, construído pelo próprio homem, fruto da cultura, do cultivo humanos. Trata-se, segundo Comte, de organizar-nos (pense-se na imagem de um formigueiro, porém consciente, isto é, projetado) para a fabricação da maior felicidade possível: o que só é possível pelo e para o altruísmo.

Apesar de acharmos que a nossa moral deve permanecer aberta para possível aprovação ou reprovação extra-humanas (a “natureza”, “extraterrestres”, “Deus”), que obviamente funcionaria também na fundamentação da nossa moral, num primeiro momento, e exatamente porque uma parcela da Humanidade só aceita fundamentação, aprovação ou reprovação humanas, repetimos, num primeiro momento, ela não só pode, mas deve ser puramente humana: fruto da autonomia humana, das opções humanas (Trata-se de resgatar, por este aspecto, as reflexões de, por exemplo, I. Kant, F. Nietzsche, J. P. Sartre, A. Camus, etc.). Deve, sob pena de não ser livre, de não poder cobrar responsabilidade, sob pena, em outras palavras, de não ser humana. Podemos optar pelo suicídio, podemos optar por contrariar a natureza, os outros, os do futuro, extraterrestres e divindade possíveis, apesar de o preço poder ser a morte, o aniquilamento, a guerra contínua, o “inferno”. Toda possibilidade de heteronomia pode ser rechaçada. Se a ideia de

Deus impusesse heteronomia, Comte teria razão em eliminá-la como fundamento da moral. Se ela impusesse heteronomia, não poderia ser mantida nem como co-fundamento.

Mas mesmo só no nível puramente humano, a afirmação comtiana da viabilização da sociedade pelo altruísmo (“viver para outrem”) deve ser complementada. O grande problema do comtismo é a afirmação da separação entre teoria e prática como fruto e causa de aperfeiçoamento. Comte fala de “harmonizar” capital e trabalho, e, deste modo, faz a manutenção da sociedade de classes. A afirmação da necessidade da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual faz a manutenção do elitismo e, portanto, da antidemocracia. Comte fala de “incorporação” das mulheres e do proletariado na sociedade moderna, industrial e científica, comandada praticamente pelos “industriais”, e culturalmente pelos “sábios positivos”. Tudo “ordenado”, “harmonizado”, em “harmonia”, e “hierarquizado”, viva-se o altruísmo.

Em vista da moral, de uma moral, de uma moral que possibilite uma “sociedade” melhor para todos -- o que parece, de fato, urgente --, elencamos a seguir algumas sugestões de complementação à preocupação moral comtiana e de contribuição ao debate contemporâneo.

Em primeiro lugar, há que se incorporar os anseios por democracia, no sentido de que a moral deverá se montada no diálogo, democraticamente, e não ser criada ou imposta pela ou por uma elite: neste sentido vale a pena levar em conta, por exemplo, a reflexão ética de J. Habermas.

E para tanto, em segundo lugar, devemos lutar para acabar com a separação entre teoria e prática, entre trabalho manual e trabalho intelectual (trata-se, aqui, de retomar, por exemplo, A. Gramsci); devemos trabalhar para a ascensão (e não para a “incorporação”) dos trabalhadores (da classe trabalhadora), que são a maioria, o povo: democracia, socialismo ou comunismo (neste sentido, retomar, por exemplo, K. Marx).

E para tanto, em terceiro lugar, assumindo que existe uma desigualdade não natural, e indesejável, sociedade de classes, isto é, falta de democracia, isto é, dominação, exploração, devemos pensar o altruísmo a partir da diferença (e não da harmonia), da alteridade, da alteridade dos dominados, dos oprimidos na “sociedade” atual, no “contrato social” atual. O contrato atual da convivência humana, a “sociedade” atual dos homens comporta que “alguns comem as bananas e a maioria come as cascas” (quando sobram!): as elites (uma parte mínima da população) vestem a maior parte das camisas produzidas, enquanto a maior parte da população conta (?) com o mínimo restante delas, etc.. Trata-se de uma “sociedade” que parece ser pior do que as “sociedades” entre animais. Abaixo da animalidade, como chegar à Humanidade?

A moral democrática para viabilizar a democracia demanda a afirmação da alteridade da maioria, que vive em situação de miséria, e para tanto parece que devemos ter como bússola moral a tradução do imperativo categórico feita por E. Dussel, da filosofia da libertação: “Liberta o oprimido, o pobre”.

Quanto à fundamentação mais geral, mais teórica, mais abstrata para a nova moral necessária, pensamos que devemos estender, alargar ao extremo a noção de democracia, levando-a a significar “todos-cracia” (neologismo nosso), e não só fazendo referência somente aos homens, mas a todos os seres possíveis: Devemos fazer um humanismo aberto inclusive para o extra-humano, isto é, para os animais, para os vegetais, para os minerais, por um lado, e para os extraterrestres e para Deus possíveis, por outro. O governo de todos em vista da felicidade de todos, cada qual segundo sua situação e condição.

Que a partir de nossa autonomia, a partir de nossa opção, procuremos estabelecer uma “sociedade” de convivência favorável a todos. Comte fala que devemos cumprir os deveres e não reivindicar direitos, que o nosso único direito deve ser o de cumprir o dever. Mas o melhor é dizer que o nosso único direito é o de cumprir o dever, isto é, o dever de construir a satisfação dos nossos direitos, o direito de todos.

Como vivemos em um universo que não criamos, como não criamos a nós mesmos, como sequer sabemos a extensão do que possa ser conhecido, e o tamanho do que possa existir, e, como a nossa conduta, o nosso comportamento influencia em tudo isto, é necessário ter prudência, ser racionais, e levar em conta a felicidade e a infelicidade alheias, e, consequentemente, a aprovação e a reprovação alheias para os nossos atos. E, note-se, autonomamente: nós podemos querer, nós podemos propor, nós podemos tentar construir uma democracia (uma “todos-cracia”) no universo. Trata-se de, desde o fundamento, optar por uma “todos-cracia”. E que inclua inclusive os do futuro, isto é, os que ainda não existem hoje, mas que têm a possibilidade de vir a existir. O que deixaremos para eles? Enfim, seres imperfeitos, incompletos, devem ser democráticos, e tentar somar, em vista de possível realização geral.

Com relação à questão da moral democrática incluir Deus, a respeito do nosso humanismo aberto incluir Deus, somos inteiramente favoráveis. Seria tudo muito mais fácil se O encontrássemos. Segundo Comte, se fôssemos obrigados, ou se quiséssemos optar, isto é, se não devêssemos abandonar estas questões, segundo ele, impenetráveis e ociosas, diríamos que “Embora a ordem natural seja, em todos os sentidos, muito imperfeita, sua produção se conciliaria muito mais com a suposição de uma vontade inteligente do que com aquela de um cego mecanismo.” (COMTE, 1890, Discurso preliminar, p. 48). O projeto de Comte visava justamente abandonar, superar o sobrenatural. Nós, ao contrário, achamos razoável supor a existência de Deus (Para mais que dois terços da Humanidade, participantes de religiões, de um modo ou de outro, monoteístas, trata-se de tese e não de hipótese ou suposição. É a aposta, a sugestão do senso comum.). Como os telescópios e os microscópios já demonstraram várias vezes a nossa miopia, não é absurdo pensar na possibilidade da continuidade deste processo. De qualquer modo, apesar de a existência ou não, de Deus, poder influenciar decisivamente a nossa moral, ela não poderia chegar ao ponto de transformá-la em heterônoma, sob pena de não ser mais moral. A ideia que temos de Deus ensina que Ele nos determina, mas que nos determina sobretudo a sermos livres. Entre as nossas decisões ou opções, a nosso ver, deve constar aquela de incluir o possível Criador. Como também aquela, em consequência, de aceitar a orientação dele: a ideia que temos de Deus é a de uma suma competência. Por que, então, a “todos-cracia” iria desperdiçá-la?

Como o pensamento é sintetizante e procura pontos de síntese, ponto de síntese, fixo, espécie de absoluto, para que não absolutizemos ideias menores, é melhor utilizarmos a ideia de Deus como sendo o Absoluto. Deste modo podemos considerar TUDO O MAIS como relativo, e como relativo ao homem. Afirmar Deus como o Absoluto parece ser a melhor (talvez a única) forma de um relativismo realmente sadio: tudo o mais é relativo. Deste modo, qualquer um, ou qualquer coisa, que se levante ou seja levantada como Absoluto, pode ser negada sob a acusação de ser um ídolo. A hipótese da existência de Deus é de grandiosíssima valia; trata-se de uma ideia fertilíssima e fertilizadora.

O progresso imediato

Para terminar, deixemos o campo mais abstrato das sugestões, do poder ser, do dever ser, da utopia (não impossível, mas hoje não existente em nenhum lugar), e voltemos ao campo do que as coisas são, do como as coisas estão, para situar-nos mais concretamente, e focalizarmos o que é possível agora.

Estamos vivendo uma retomada do capitalismo que chamamos neocapitalismo. É o que vigora, o que impera. Segundo a nossa visão, trata-se de um passo a mais de distanciamento da utopia cristã da fraternidade universal, da utopia socialista ou comunista do sistema de sócios, e, segundo vemos, um passo a mais em retrocesso, isto é, na direção da animalidade (ou até para trás dela?), na direção da lei do mais forte, insuperável no caso dos

animais. As nossas elites, possivelmente já esquecidas da possibilidade de uma 3ª guerra mundial, acham que a solução é a livre concorrência, a competitividade, a livre iniciativa (Quem seria “a livre iniciativa” senão os que já têm dinheiro, isto é, os que já são donos do capital?), todas expressões bonitas que escondem o animalesco, a irracionalidade da guerra de todos contra todos. Em que sentido estes passos podem significar uma “modernização”? Temos que continuar, devemos continuar “progredindo” através da guerra? Os subgrupos das elites poderão autodestruir-se e a nós, ou a muitíssimos de nós, com eles.

O que é possível fazer agora? Uma revolução total e completa que altere este rumo não parece estar possível neste momento (Esteve ou estará algum dia? Por outro lado, a vida parou ou parará algum dia, isto é, não é revolução contínua?). O que nos resta, parece, é o levantamento das bandeiras que aumentem o número dos pertencentes às elites, ou, por outro lado, que diminuam o número dos pertencentes aos dominados. É o levantamento de bandeiras que continuem a revolução de superação da não democracia, de construção da democracia. Só uns poucos ficam com a maior parte das camisas? Levantar a bandeira da melhor distribuição de renda (melhor salário, participação nos lucros, etc.)! Só uns poucos detêm a propriedade da maior parte das terras? Levantar a bandeira da reforma agrária! Só uns poucos chegam ao 3º grau escolar? Levantar a bandeira da escolaridade inteira para todos! Só uns poucos decidem os candidatos entre os quais deveremos escolher os dirigentes? A bandeira da participação política! A maioria dos chamados benfeitores da comunidade ou humanidade não passa de malfetores, de corruptos? Levantar a bandeira da justiça, do fim da impunidade! Enfim, propor por todos os meios possíveis a democracia (“todos-cracia”) econômica, política, social, cultural, etc.

Em vista do progresso são possíveis algumas ações imediatas, conforme expusemos imediatamente acima. No sentido moral-educacional-político o que seguramente resume o que parece ser o melhor progresso é a procura da democracia. Mas em geral a principal conclusão é a de que, ao invés do que Comte afirma, o progresso a ser alcançado é a consolidação do monoteísmo.

Notas

²O quadro completo das 15 leis de filosofia Iª de Comte pode ser visto in: COMTE, 1988, p. 163.

³Carta de Comte a Audiffrent, 12/2/1857, In: COMTE, 1990, p. 400. Grifos de Comte. Vejamos também na de 24/3/1857: “Vós sentistes bem que a ciência, longe de constituir o estado positivo, limita-se a lhe fornecer, depois da teologia e da metafísica, uma última preparação necessária, que, como as duas outras, tem seus inconvenientes tanto quanto suas vantagens e se torna profundamente nociva prolongando-se além da medida.” (p. 413). Em todo este trabalho a tradução é sempre nossa, salvo indicação em contrário.

⁴Pode-se ver os nossos seguintes trabalhos: TISKI, 2013a; TISKI, 2013b; TISKI, 2013c; TISKI, 2013d; TISKI, 2010; TISKI, 2008a; TISKI, 2008b; TISKI, 2006.

⁵Apenas para que fique clara, esclarecemos ainda mais especificamente a nossa posição: Pertencemos ao monoteísmo cristão católico apostólico romano. Obviamente não conhecemos o Jesus histórico; conhecemo-lo como personagem do Novo Testamento, pela tradição da comunidade, pela nossa pesquisa em geral ao longo da vida e pela nossa oração a Terceira Pessoa Divina. O nosso palpito, a nossa aposta é no sentido de que Ele é Deus. Se Ele não for a Segunda Pessoa Divina, muito nos surpreenderá.

⁶LAGARRIGUE, 1944, p. 280. O presente subitem 3, e o subitem 4, abaixo, remetem à parte final do nosso texto TISKI, 2013c, posições 719-818, com modificações.

⁷Sobre esses conceitos pode-se ver no nosso livro: TISKI, 2006, Introdução, p. 3, notas 5 e 7. Resumindo, a posição de Comte é agnóstica porque declara não poder conhecer os objetos metafísicos; e é, portanto, fenomenalista, isto é, afirma que só podemos conhecer o que se nos aparece. Mas se teoricamente é agnóstico-fenomenalista, praticamente assume o fenomenismo, porque declara que

devemos viver como se só existisse o que se nos aparece.

⁸DUSSEL, 1980, p. 196.

REFERÊNCIAS

COMTE, Augusto. **Curso de filosofia positiva [1830-1842]**; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo [1848]; Catecismo positivista [1852]. Trad. J. A. Giannotti e M. Lemos. SP: Nova Cultural, 1988. Col. Os Pensadores. 264 p.

_____. **Systeme de politique positive ou Traité de sociologie Instituant la religion de l'humanité [1851]**. Tome premier Contenant le Discours Préliminaire [1848] et l'Introduction fondamentale [1849-1850]. Troisième éd. Paris: Imp. Moderne, 1890. 748 p.

_____. **Correspondance générale et confessions**; Tome VIII (1855-57). Textes établis par P. E. de B. Carneiro et présentés par A. Kremer-Marietti. Paris: Ehes / Vrin, 1990. Coll. Archives Positivistes. 606 p.

DUSSEL, Enrique D. Puebla: rapporti tra etica cristiana ed economia. In: **CONCILIUM - Rivista internazionale di teologia**. Sezione Morale. Brescia - Itália: Queriniana. Fascicolo 10 (1980). P. 194-212.

LAGARRIGUE, Luis. **Moral práctica – Bosquejo del Sistema de Moral Práctica O Tratado de educación universal, Projectado por el Supremo Maestro Augusto Comte**. Santiago de Chile: Fundación J. E. Lagarrigue / Imprenta universitaria, 1944. 385 p.

TISKI, Sergio. **A metafísica ou filosofia primeira de Augusto Comte**. Marília – SP: Poiesis, 2013a. Série Filosofia, Positivismo e Educação, Vol. 3. E-book, 2036 posições.

_____. **A questão da moral em Augusto Comte**. Marília – SP: Poiesis, 2013b. Série Filosofia, Positivismo e Educação, Vol. 2. E-Book, 6059 posições.

_____. **Urgência da moral**: a questão da moral em A. Comte e algumas sugestões quanto à preocupação moral contemporânea. Marília – SP: Poiesis, 2013c. Série Filosofia, Positivismo e Educação, Vol. 1. E-book, 982 posições.

_____. Introdução à vida, às obras e ao pensamento de Comte. In: HENNING, Leoni Maria Padilha e TISKI, Sergio (Orgs.). **Positivismo, Pragmatismo e Educação**. Marília – SP: Poiesis, 2013d. E-book, posições 195-869.

_____. **Introdução à questão da filosofia primeira em Comte**. Acta Scientiarum (Human and Social Sciences), UEM, v. 32, n. 2, p. 217-222, jul.-dez. 2010.

_____. **A questão do ateísmo em Comte**. Boletim – Revista do Clch da Uel, Londrina, n° 55, p. 107-130, jul./dez. 2008a.

_____. **A questão do materialismo em Comte**. Boletim – Revista do Clch da Uel, Londrina, n° 54, p. 95-128, jan./jun. 2008b.

_____. **A questão da religião em Auguste Comte**. Londrina: Eduel, 2006. 364 p.

Recebido em: 12/05/2017

Aprovado em: 14/09/2017